
A ocupação da Idade do Bronze da Quinta da Fidalga

CARLOS TAVARES DA SILVA*
JOAQUINA SOARES**

R E S U M O

As sondagens arqueológicas realizadas na Quinta da Fidalga (Mourão) revelaram um pequeno habitat de curta duração, atribuível a fase média da Idade do Bronze do Sudoeste, localizado no Médio Guadiana, estabelecimento provavelmente de apoio a actividades agro-pastoris. Situado em área plana e aberta, desprovido de condições naturais de defesa, contrasta fortemente com os grandes povoados de altura, fortificados, conhecidos no Médio Guadiana, na região de Badajoz, como o Castillo de Alange. Este contraste é um eloquente indício da hierarquização da rede do povoamento regional durante o Bronze Médio.

A B S T R A C T

The archaeological rescue excavation developed in the site of Quinta da Fidalga revealed a badly conserved cultural layer from the Middle Bronze Age. It corresponds probably to a temporary camp connected to agro-pastoral activities, without any preserved architectural remains, in an open landscape. The comparison between Quinta da Fidalga and other contemporary sites from the Middle Guadiana river, namely the Castillo de Alange (Badajoz), indicates a high level of social inequality and a strong hierarchical settlement regional system.

Introdução

Tem sido escassa a bibliografia produzida sobre sítios de habitat do Bronze Médio do Sudoeste peninsular. Os primeiros publicados foram por nós identificados na Área de Sines (Silva & Soares, 1981) e a sua descoberta tornou-se possível por termos procedido a escavações em extensão a partir das respectivas necrópoles. Até à realização destes trabalhos no Pessegueiro, Provença e Quitéria, o Bronze Médio do Sudoeste era exclusivamente conhecido por achados de natureza sepulcral (Schubart, 1975).

No caso de Sines, verificou-se que as áreas de habitat se implantam a curta distância dos núcleos sepulcrais e ocupam espaços abertos e planos, desprovidos de condições naturais de defesa.

Quando demos a conhecer esses arqueossítios, sem condições naturais de defesa, colocámos a hipótese de eles terem “a sua contrapartida em povoados fortificados do interior, ainda não identificados, onde residiria a classe dirigente”. Isto porque admitíamos para o Bronze Médio do Sudoeste uma sociedade dotada de “poder centralizado, forma embrionária de Estado, que dominaria

um determinado território [onde se localizariam estabelecimentos abertos e desprovidos de defesas], ocupando-se da sua segurança” (Silva & Soares, 1981, p. 180).

Porém, entre nós, não se prosseguiram as prospecções dirigidas para o estudo do povoamento do Bronze Médio do Sudoeste. E foi na área espanhola desta região peninsular, em particular na Serra Morena Ocidental e na Baixa Extremadura que investigadores como L. García Sanjuán, V. Hurtado e I. Pavón não só deram a conhecer novos povoados, sendo muitos deles de altura, como reconheceram nesse povoamento um elevado grau de hierarquização (García Sanjuán & Hurtado Pérez, 1998).

O sítio arqueológico da Quinta da Fidalga, agora apresentado, é o quarto habitat deste período publicado para o Sul do território português; tal como os três primeiros, é de planície.

É possível que pelo menos parte dos estratos das ocupações do Bronze Médio alentejano, e à semelhança do que se tem verificado na área espanhola do Sudoeste, designadamente no Castillo de Alange (Pavón, 1998a, 1998b), venham a encontrar-se sob níveis do Bronze Final de grandes povoados, quase na totalidade por escavar.

A fraca visibilidade dos povoados do Bronze Médio do Sudoeste até agora identificados no Alentejo está patente na forma como esse horizonte cronológico foi detectado na Quinta da Fidalga. Quando em 1985 aí efectuámos prospecções no âmbito do estudo de impacte ambiental da barragem de Alqueva, encontrámos à superfície do terreno, e em três pequenas sondagens então realizadas (Soares & Silva, 1992), materiais que atribuímos ao Neolítico. Ao revisitarmos o mesmo local em 1999, a fim de aí procedermos a novos trabalhos arqueológicos promovidos pela EDIA, verificámos que a área intervencionada em 1985 se apresentava profundamente perturbada por centenas de tocas de coelhos (Fig. 5). Decidimos então intervir em uma zona periférica onde a referida perturbação se mostrava menos intensa. Porém, o que a escavação acabou por revelar não foi o previsível horizonte neolítico, mas sim um nível de ocupação do Bronze Médio do Sudoeste que não manifestava à superfície do terreno o menor indício da sua presença.

Localização

O sítio arqueológico da Quinta da Fidalga ocupa área plana, baixa e muito arenosa, no seio de vasta mancha de solos da classe C (nas proximidades de solos das classes A e B), ligeiramente inclinada de sul para norte, em direcção ao Guadiana. Situa-se sobre terraço fluvial da margem esquerda deste rio, à cota de 120–130 m (actualmente, encontra-se sob as águas do regolfo da barragem de Alqueva). Concelho de Mourão. Coordenadas militares: X-267 1; Y-161 0 (Carta Militar de Portugal, folha 474, Esc. 1:25 000).

Difícil de delimitar, o núcleo da Idade do Bronze intervencionado em 1999 não possuirá mais de 0,5 ha.

Intervenção arqueológica

Como dissemos anteriormente, a intervenção arqueológica que aí realizámos em 1999 (custeada pela EDIA e com a colaboração do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal) teve lugar numa área a norte e periférica relativamente ao que pensamos ter sido o núcleo da ocupação neolítica por nós identificada em 1985.



Fig. 1 Localização do sítio arqueológico da Quinta da Fidalga.



Fig. 2 Quinta da Fidalga, 1999. Local da jazida da Idade do Bronze. Fotografia obtida de sul. Atualmente a área encontra-se coberta pelas águas do regolço da barragem de Alqueva.

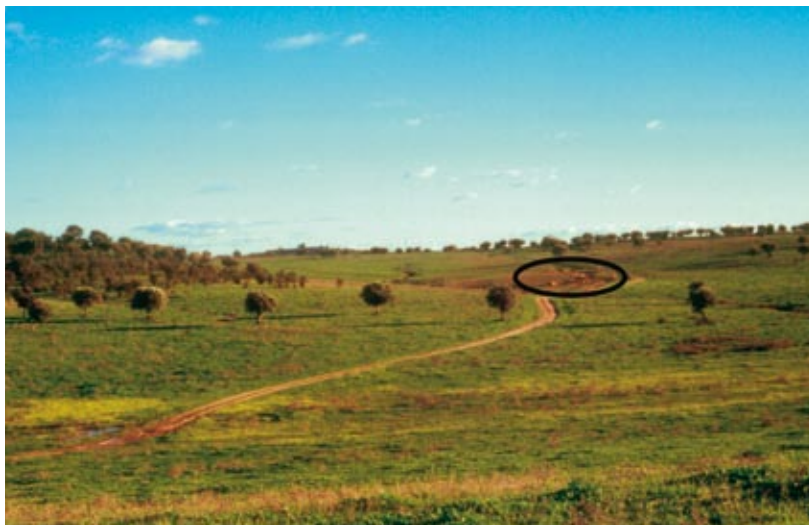


Fig. 3 Quinta da Fidalga, 1999. Local da jazida da Idade do Bronze. Fotografia obtida de norte.



Fig. 4 Quinta da Fidalga, 1999. Local da jazida da Idade do Bronze. Fotografia obtida de nordeste.



Fig. 5 Quinta da Fidalga, 1999. Aspecto da superfície da jazida arqueológica, perfurada por tocas de coelhos.

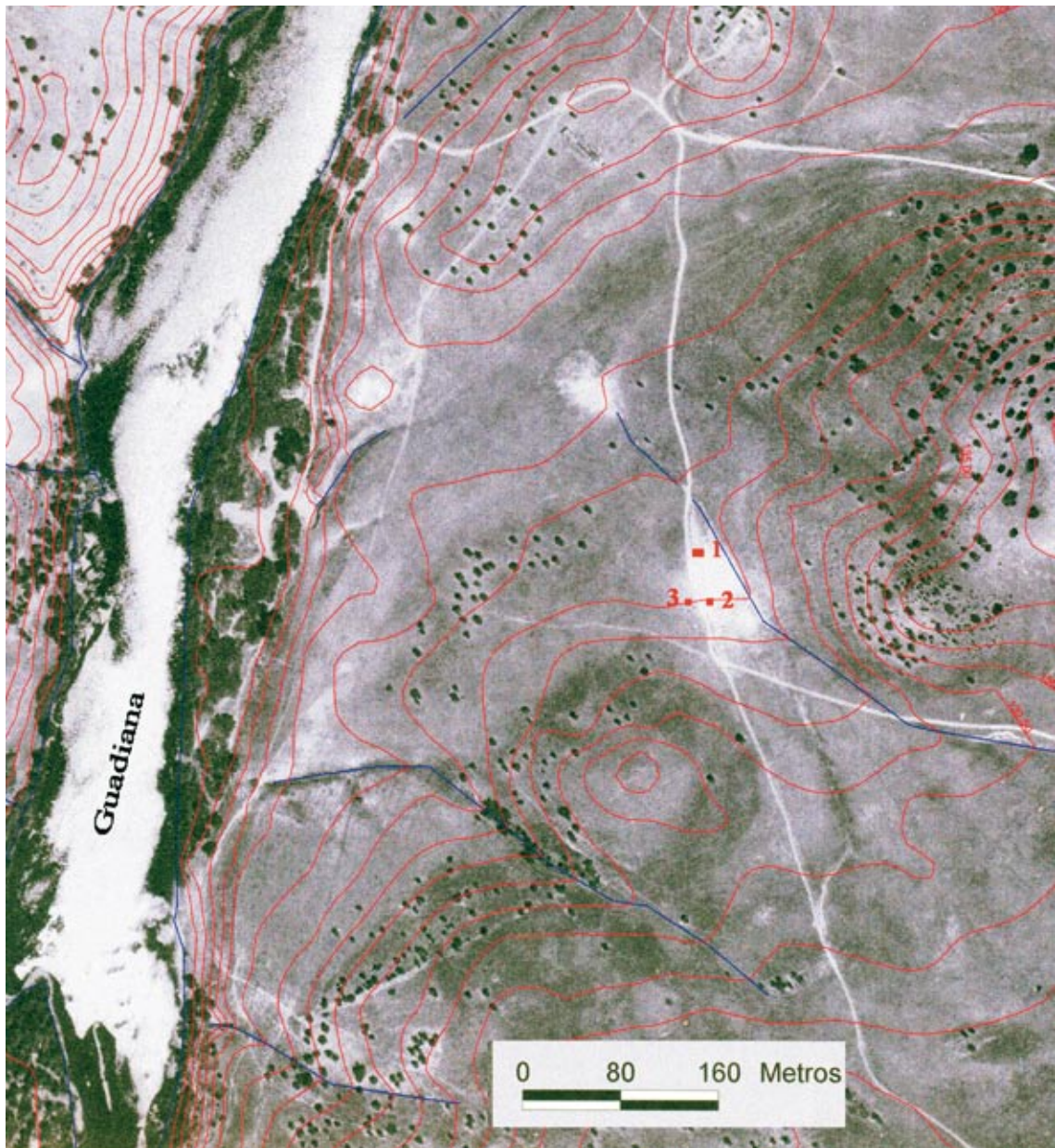


Fig. 6 Quinta da Fidalga, 1999. Ortofotomapa com a localização das sondagens arqueológicas.

O terreno foi previamente quadriculado através de uma malha constituída por sectores de 20 m de lado, designados por números romanos ordenados de oeste para este e de sul para norte. Cada sector (S) foi, por sua vez, dividido em quadrados (Qs.) de 1 m de lado, designados por uma letra maiúscula e por um número árabe, de acordo com um sistema de eixos cartesianos em que as letras correspondem ao eixo dos XX' (ordenadas de oeste para este), e os números árabes, ao eixo dos YY' (ordenados de sul para norte). Foram eliminadas as letras I, O, Q e X.

A intervenção de 1999 consistiu na abertura de três sondagens (Fig. 6): a Sond. 1, com 20 m², abrangeu os Qs. J-N/ 10-13 do S. XXXVIII; a Sond. 2, com 6 m², e a 40 m para sul da Sond. 1, ocupou os Qs. T-U/7-9 do S. XXVIII; a Sond. 3, com 4 m², localizada a 40 m para sul da Sond. 1 e a 9 m para oeste da Sond. 2, abrangeu os Qs. F-G/8-9 do S. XXVIII.

A escavação, em meio francamente arenoso, seguiu a estratigrafia natural, removendo-se cada camada através de sucessivos níveis artificiais, com cerca de 0,05-0,07 m de espessura, designados, de cima para baixo, pelo número da camada natural e por letra minúscula. As terras foram integralmente crivadas, tendo-se utilizado malha de 4 mm.

Estratigrafia

As três sondagens revelaram a mesma seqüência estratigráfica (de cima para baixo):

- C. 1 – Areia solta, castanha (Munsell 7.5YR5/7, quando húmida). Espessura *ca.* 0,4 m. Escasso material arqueológico (a cerâmica ocorre em fragmentos pequenos e rolados).
- C. 2 – Areia solta, castanha muito clara (M. 10YR8/4, quando húmida). Espessura *ca.* 0,45 m. Limite inferior irregular. Abundante cerâmica (sobretudo na Sond. 1), distribuída principalmente pelas Cs. 2a, 2b, e 2c. A partir da C. 2d, inclusive, a cerâmica torna-se muito escassa.
- C. 3 – Areia castanho-amarelada (M. 10YR6/8, quando húmida), tornando-se, em profundidade, progressivamente mais compacta e mais rica em calhaus rolados (pertencentes à cascalheira do terraço fluvial plistocénico). Espessura escavada, 0,50 m. A cerâmica é muito rara.

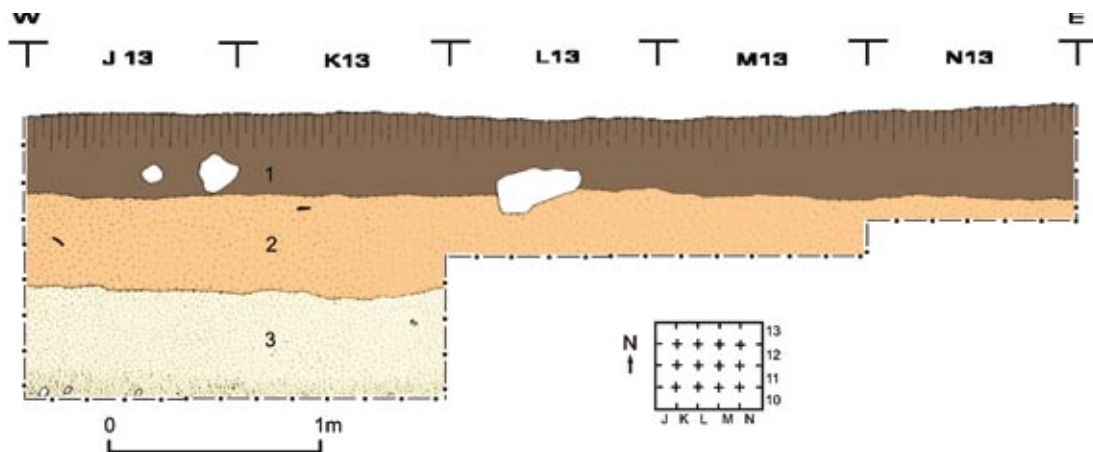


Fig. 7 Quinta da Fidalga, 1999. Perfil norte da Sondagem 1.

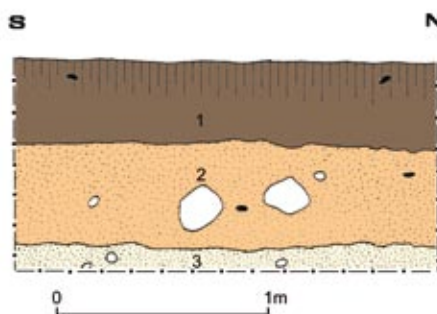


Fig. 8 Quinta da Fidalga, 1999. Perfil oeste da Sondagem 2.

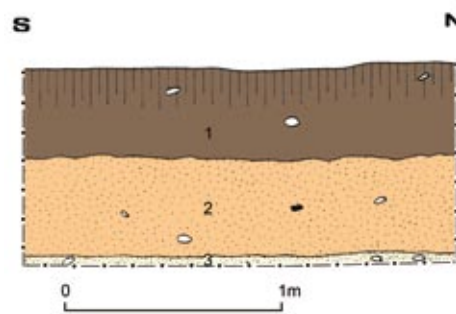


Fig. 9 Quinta da Fidalga, 1999. Perfil oeste da Sondagem 3.

A distribuição vertical da cerâmica (Quadros 1 a 9, Figs. 10 a 15), contabilizada por níveis artificiais de 5/7cm de espessura, revela um padrão em dentes de serra, com dois máximos: o principal corresponde às Cs. 2a (Sond. 1) e 2c (Sonds. 2 e 3); o secundário, à C. 1d (Sond. 1) e 1a (Sonds. 2 e 3), o que leva a supor que a C.1 se formou a expensas do desmantelamento do nível arqueológico em áreas de cotas mais elevadas e/ou de materiais migrados da C. 2 aquando da abertura de tocas. O nível arqueológico com cerâmica parece identificar-se, de um modo geral, com o topo da C. 2, não ultrapassando a espessura de 0,15 m.

De notar que as Sonds. 2 e 3 forneceram, mesmo na C. 2, escassa cerâmica.

Quadro 1. Quinta da Fidalga. Sondagem 1. Distribuição vertical e horizontal da cerâmica (frequência absoluta)

C.	Quadrados																			Total	
	J10	J11	J12	J13	K10	K11	K12	K13	L10	L11	L12	L13	M10	M11	M12	M13	N10	N11	N12		N13
1a	20	11	2	2	22	8	5	3	23	15	3		19	5	5		4	3	2	2	154
1b	1		2		2			1	11	0			4		1			1	1	1	25
1c	8	5	5	22	2	7	1	4	4	6	3	7	2	6	5	3	3	5	1		99
1d	24	26	17	6	10	15	24	31	4	3	1	16	13	25	19	10	6		29	3	282
1e									7												7
1f	21			7															1		29
2a	16	42	74		10		36	29	13	24	22	51	8		49	39	35		22	32	502
2b	4	47	11	15	41	24	12	10	41	8	22	28	30	46		31	17	13	17	17	434
2c	44	14	11	34	38	13		6	26	33	15	11	43	20	8	18	22	35	25		416
2d	20	4	3	7	15	29	13	12													103
2e				1		17	2														20
2f			1	2		1															4
3a				1																	1
3b				1		1															2
Total	158	149	126	98	140	96	110	98	129	89	66	113	119	102	87	101	87	57	98	55	2078

Quadro 2. Quinta da Fidalga. Sondagem 1. Distribuição vertical e horizontal da cerâmica (peso em g)

C.	Quadrados																			Total	
	J10	J11	J12	J13	K10	K11	K12	K13	L10	L11	L12	L13	M10	M11	M12	M13	N10	N11	N12		N13
1a	196,2	74,6	8,6	7,2	178	50,2	13,4	23,2	191,8	69,6	23		83	28,4	16,8		33,2	17,4	13,4	6,2	1034,2
1b	8,4		12,4		14,4			4,4	137,8	0			14,6		4,8			4,6	3,4	3,4	208,2
1c	29,2	13,2	28,4	149	16,6	47,4	6	11	24,4	12,4	25	27,4	8,6	70,4	35,6	4,8	19,2	32,4	4,4		565,4
1d	74,2	140,4	46,2	49,6	42,2	72,8	153	162	16,2	21	8,6	137,2	80,6	95,8	73,4	85	18,4		78,2	17,4	1372,2
1e									34,6												34,6
1f	188			57,4																9,6	255
2a	105	289,8	578,4		100,2		410,2	133,4	211,2	88,6	203	474,4	73,2		323,8	216,4	211,6		122,6	156,4	3697,2
2b	33	252,2	58	65,4	237,2	218,6	45	106,4	319,6	98,6	111,2	175,2	200,8	253,2		169,2	52,8	102,8	76,6	130	2705,8
2c	259	122,8	74,8	176,8	303,2	100,4		34,8	222,6	284,2	71,6	44,8	261,2	132,6	66	80,6	165	216,4	171,8		2788,6
2d	97,8	23,4	7,2	37,6	183,6	316	97	60,8													823,4
2e				7,2		73	29,2														109,4
2f			3,4	12,4		11															26,8
3a				6,6																	6,6
3b				9,8		15															24,8
Total	990,8	916,4	817,4	579	1075	805,4	823,6	565,2	1158	574,4	442,4	858	722	580,4	520,4	556	500,2	373,6	480	313,4	13652

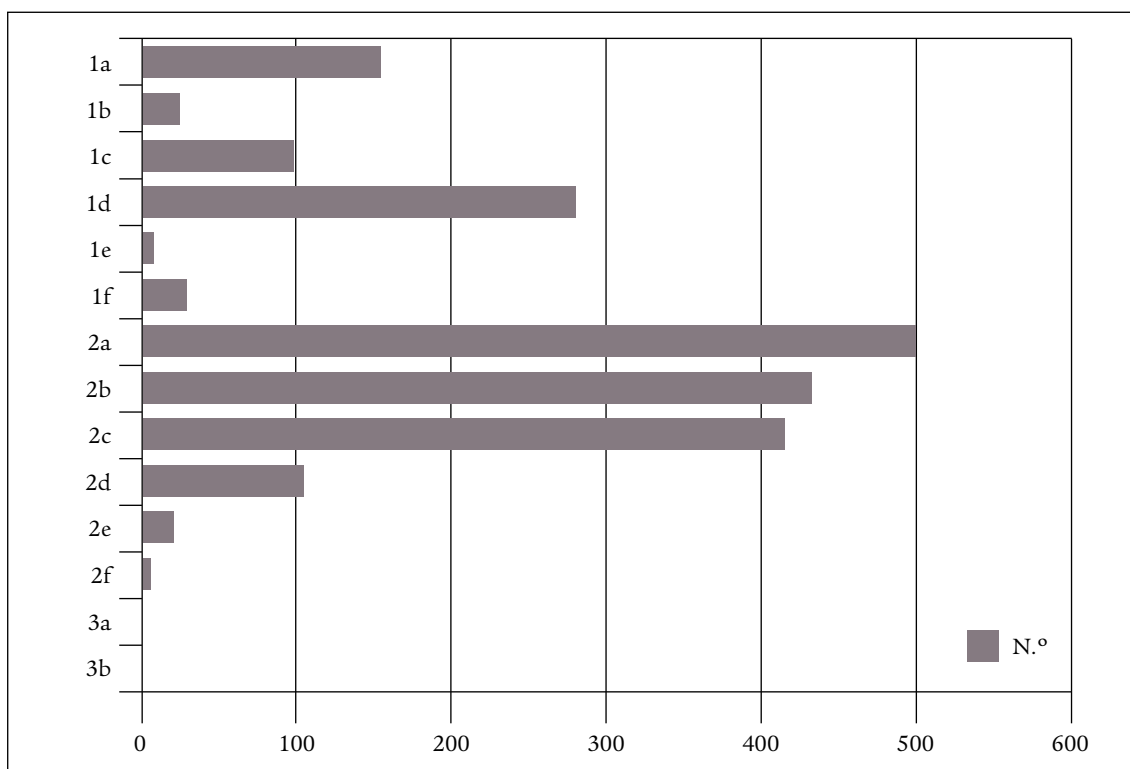


Fig. 10 Quinta da Fidalga, 1999. Sondagem 1. Distribuição vertical da cerâmica (frequência absoluta).

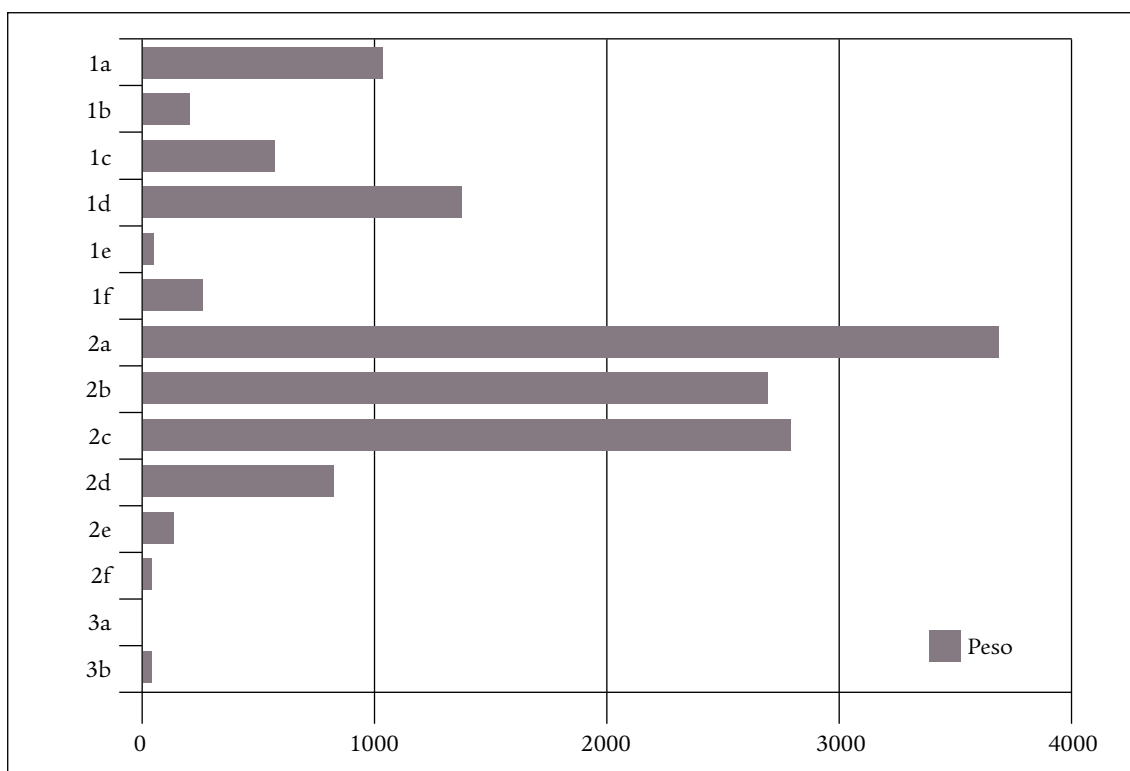


Fig. 11 Quinta da Fidalga, 1999. Sondagem 1. Distribuição vertical da cerâmica (peso em g).

Quadro 3. Quinta da Fidalga. Sondagem 1. Cerâmica. Distribuição dos valores da relação peso/número. Os valores mais elevados correspondem a fragmentos de maiores dimensões

C.	Quadrados																			\bar{X}	
	J10	J11	J12	J13	K10	K11	K12	K13	L10	L11	L12	L13	M10	M11	M12	M13	N10	N11	N12		N13
1a	9,8	6,8	4,3	3,6	8,1	6,3	2,7	7,7	8,3	4,6	7,7		4,4	5,7	3,4		8,3	5,8	6,7	3,1	6,0
1b	8,4		6,2		7,2			4,4	12,5				3,7		4,8			4,6	3,4	3,4	5,9
1c	3,7	2,6	5,7	6,8	8,3	6,8	6,0	2,8	6,1	2,1	8,3	3,9	4,3	11,7	7,1	1,6	6,4	6,5	4,4		5,5
1d	3,1	5,4	2,7	8,3	4,2	4,9	6,4	5,2	4,1	7,0	8,6	8,6	6,2	3,8	3,9	8,5	3,1		2,7	5,8	5,4
1e									4,9												4,9
1f	9,0			8,2															9,6		8,9
2a	6,6	6,9	7,8		10,0		11,4	4,6	16,2	3,7	9,2	9,2		6,6	5,5	6,0		5,6	4,9		7,7
2b	8,3	5,4	5,3	4,4	5,8	9,1	3,8	10,6	7,8	12,3	5,1	6,3	6,7	5,5		5,5	3,1	7,9	4,5	7,6	6,6
2c	5,9	8,8	6,8	5,2	8,0	7,7		5,8	8,6	8,6	4,8	4,1	6,1	6,6	8,3	4,5	7,5	6,2	6,9		6,7
2d	4,9	5,9	2,4	5,4	12,2	10,9	7,5	5,1													6,8
2e				7,2			4,3	14,6													8,7
2f			3,4	6,2			11,0														6,9
3a				6,6																	6,6
3b				9,8			15,0														12,4

Quadro 4. Quinta da Fidalga. Sondagem 2. Distribuição vertical e horizontal da cerâmica (frequência absoluta)

C.	Quadrados				Total
	T08	T09	U08	U09	
1a	5	4	3	2	14
1b	5	4	1	1	11
1c	2	2		3	7
1d	2	4	1	2	9
2a	4	4		4	12
2b	6	2	5	1	14
2c	5	7	5	4	21
2d	3	5	6	4	18
Total	32	32	21	21	106

Quadro 5. Quinta da Fidalga. Sondagem 2. Distribuição vertical e horizontal da cerâmica (peso em g)

C.	Quadrados				Total
	T08	T09	U08	U09	
1a	30,4	25,6	18,6	11	85,6
1b	51,8	34	7,2	6,2	99,2
1c	9,8	6,6		35,6	52
1d	10,4	62	4,2	24,2	100,8
2a	20	17,2		43,8	81
2b	70,4	18,4	38,6	4	131,4
2c	24	76,2	76,8	47,2	224,2
2d	28,8	25,4	17,4	25,4	97
Total	245,6	265,4	162,8	197,4	871,2

Quadro 6. Quinta da Fidalga. Sondagem 2. Cerâmica. Distribuição dos valores da relação peso/número. Os valores mais elevados correspondem a fragmentos de maiores dimensões

C.	Quadrados				\bar{X}
	T08	T09	U08	U09	
1a	6,1	6,4	6,2	5,5	6,0
1b	10,4	8,5	7,2	6,2	8,1
1c	4,9	3,3		11,9	6,7
1d	5,2	15,5	4,2	12,1	9,3
2a	5	4,3		11,0	6,8
2b	11,7	9,2	7,7	4	8,2
2c	4,8	10,9	15,4	11,8	10,7
2d	9,6	5,1	2,9	6,4	6,0

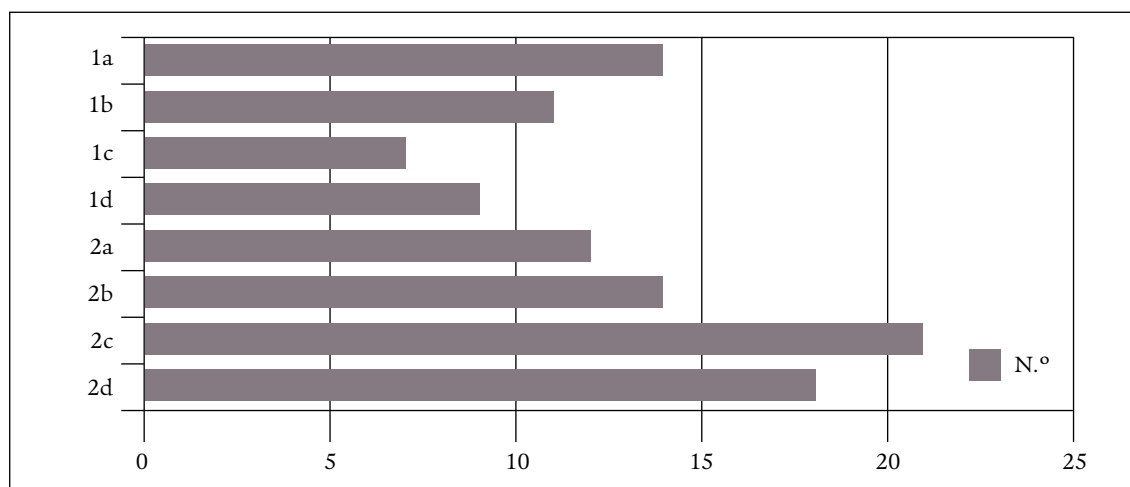


Fig. 12 Quinta da Fidalga, 1999. Sondagem 2. Distribuição vertical da cerâmica (frequência absoluta).

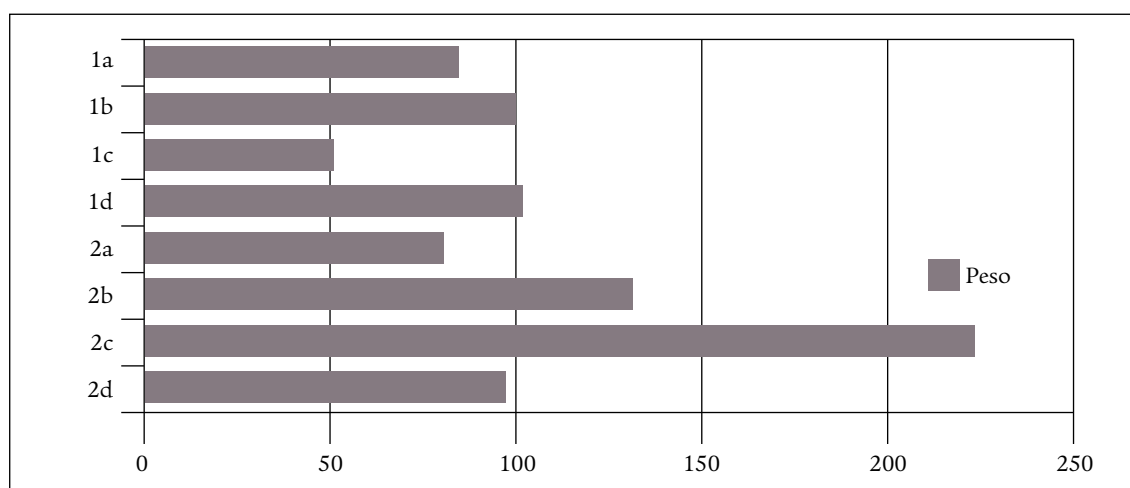


Fig. 13 Quinta da Fidalga, 1999. Sondagem 2. Distribuição vertical da cerâmica (peso em g).

Quadro 7. Quinta da Fidalga. Sondagem 3. Distribuição vertical e horizontal da cerâmica (frequência absoluta)					
C.	Quadrados				Total
	F08	F09	G08	G09	
1a	2	2	1	1	6
1b		1			1
1c	1				1
1d		1	1	1	3
2a			6	5	11
2b	1	1	5	1	8
2c	3	7	2	1	13
Total	7	12	15	9	43

Quadro 8. Quinta da Fidalga. Sondagem 3. Distribuição vertical e horizontal da cerâmica (peso em g)					
C.	Quadrados				Total
	F08	F09	G08	G09	
1a	4,8	15	4,2	4,2	28,2
1b		2			2
1c	3,2				3,2
1d		4,6	26	50,8	81,4
2a			70,4	32	102,4
2b	4,4	8,4	45,2	14	72
2c	41,4	54,2	27,4	4,8	127,8
Total	53,8	84,2	173,2	105,8	417

Quadro 9. Quinta da Fidalga. Sondagem 3. Cerâmica.
Distribuição dos valores da relação peso/número. Os valores mais elevados correspondem a fragmentos de maiores dimensões

C.	<i>Quadrados</i>				\bar{X}
	<i>F08</i>	<i>F09</i>	<i>G08</i>	<i>G09</i>	
1a	2,4	7,5	4,2	4,2	4,6
1b		2,0			2,0
1c	3,2				3,2
1d		4,6	26,0	50,8	27,1
2a			11,7	6,4	9,1
2b	4,4	8,4	9,0	14,0	9,0
2c	13,8	7,7429	13,7	4,8	10,0

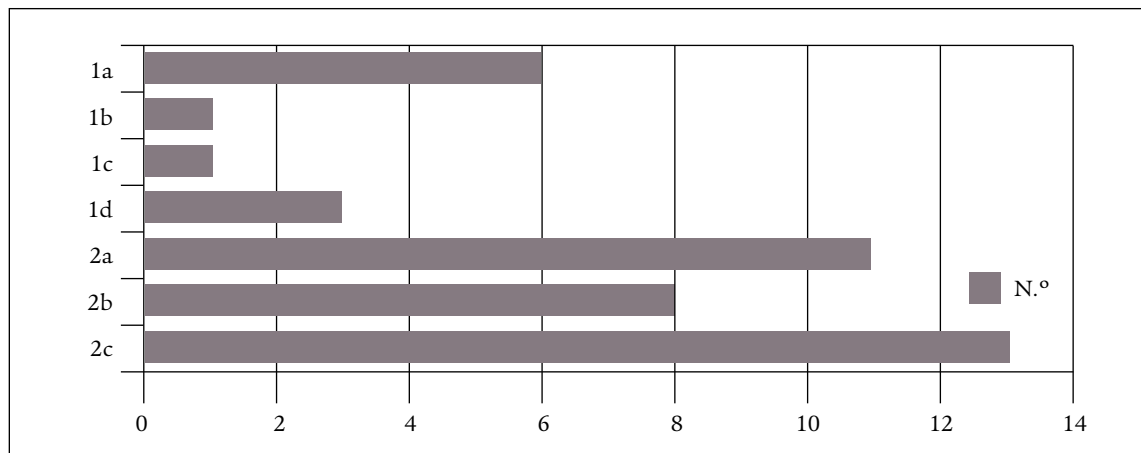


Fig. 14 Quinta da Fidalga, 1999. Sondagem 3. Distribuição vertical da cerâmica (frequência absoluta).

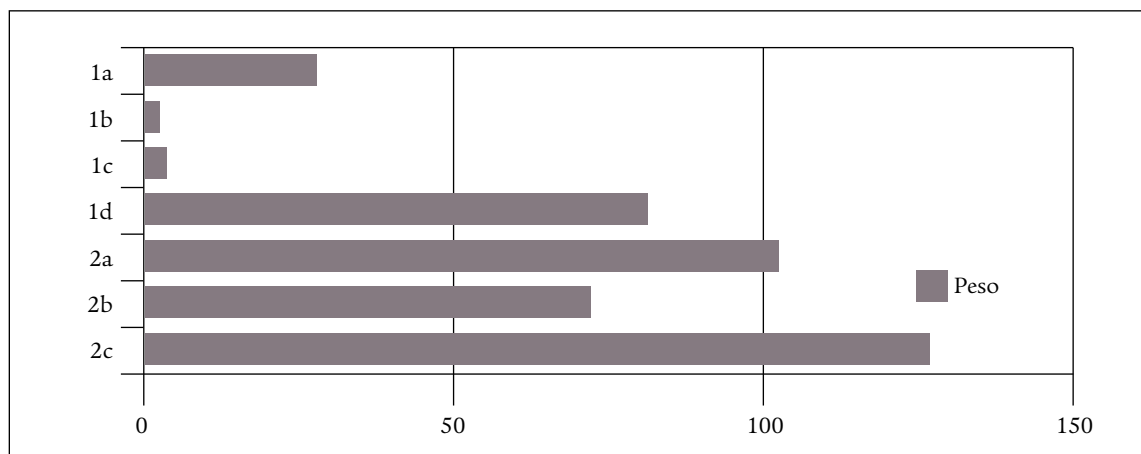


Fig. 15 Quinta da Fidalga, 1999. Sondagem 3. Distribuição vertical da cerâmica (peso em g).

Estruturas

Surgiram termoclastos, sobretudo na C. 2 da Sond. 1, indicadores da existência de lareiras integrando elementos pétreos. Ocorreram, porém, dispersos, não se tendo registado qualquer estrutura, de combustão ou de outro tipo.

Indústria lítica

Previamente ao habitat da Idade do Bronze da Quinta da Fidalga, teria funcionado no local, sobre camada de cascalheira fluvial, uma provável oficina de talhe, talvez epipaleolítica, com expressão em indústria sobre seixos de quartzito, tipologicamente afim da do sítio do Xerez de Baixo (Almeida & alii, 1999).

A desmontagem e dispersão pelos agentes da geodinâmica externa do nível de cascalheira podem explicar a relativa abundância de artefactos macrolíticos, em geral com superfícies e arestas vivas, no povoado em estudo. Mais raramente, surgem peças, igualmente sobre seixos de quartzito e quartzo, fortemente patinadas em resultado de processos pós-deposicionais mais complexos ou testemunhos de ocupação mais antiga. Em plena C. 2, recolheram-se onze peças muito patinadas (resíduos, núcleos, lascas retocadas) que são visivelmente anteriores à ocupação a que respeita a C. 2. Na mesma camada, abundam as lascas não retocadas de quartzito e quartzo executadas sobre seixos rolados, que preferimos considerar coevas da ocupação provavelmente epipaleolítica do mesmo local. Os artefactos em sílex são extremamente raros. Merecem destaque: uma lamela não retocada que poderá corresponder ao núcleo de ocupação neolítica não realocado; e o aparecimento de dois característicos elementos de foice denticulados que não temos dúvidas em atribuir à Idade do Bronze (Fig. 16).

A indústria em pedra polida encontra-se representada pelo fragmento de um instrumento em pedra polida e por dois elementos moventes de mós manuais.

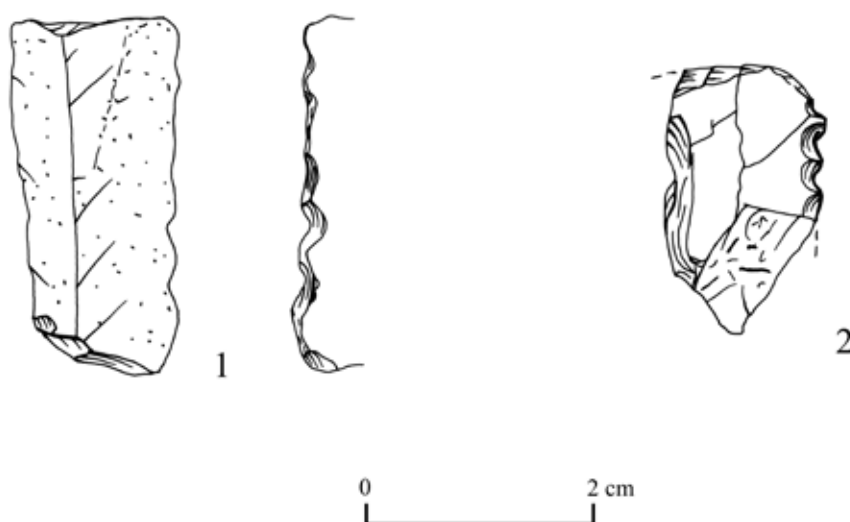


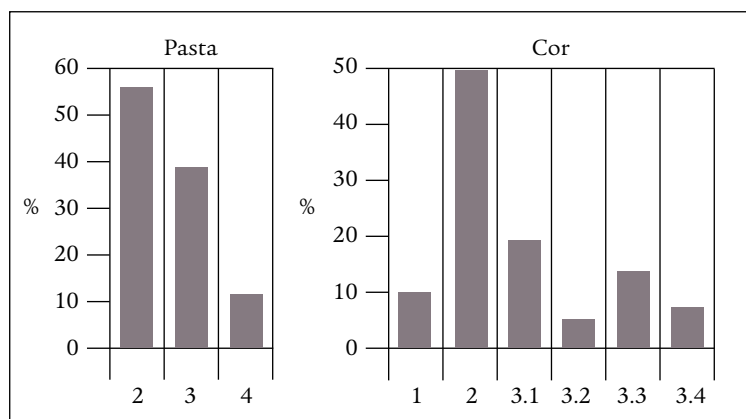
Fig. 16 Quinta da Fidalga, 1999. Sondagem 1, C. 2. Elementos de foice denticulados em sílex, com lustre de cereal.

Cerâmica

O conjunto cerâmico exumado na Quinta da Fidalga, atribuível à Idade do Bronze, permitiu a descrição de 125 registos correspondentes a 84 recipientes (NMI), a que devemos acrescentar dois exemplares de cinchos.

O exame macroscópico deste material revela-nos pastas predominantemente finas (Grupo 2 – ver Anexo), encontrando-se as muito grosseiras (Grupo 4) em franca minoria (ca. 8% – Quadro 10).

Cor	Pasta			Total	
	2	3	4	N	%
1	5	2	1	8	9,5
2	19	19	2	40	47,6
3.1	11	1	3	15	17,9
3.2	2	2		4	4,8
3.3	6	4	1	11	13,1
3.4	3	3		6	7,1
Total	46	31	7	84	100
	54,8	36,9	8,3	100,0	

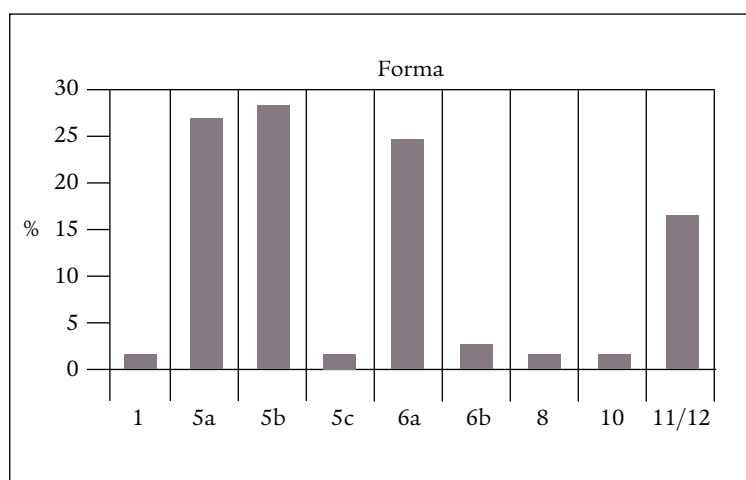


A maior percentagem dos recipientes teria sido cozida em ambiente totalmente redutor (cor do Grupo 2, com 48%), pelo que dominam as superfícies acinzentadas (Quadro 10).

Morfológicamente (Quadro 11, Figs. 17 e 18), nota-se a quase ausência de pratos (somente 1 exemplar da Forma 1 - prato de bordo simples); o domínio das taças em calote, principalmente da Forma 5b (taça hemisférica) em que o bordo se mostra, com frequência, ligeiramente introvertido; a abundância dos esferoidais/ovóides, de um modo geral de bordo simples (Forma 6a), com alguns exemplares de paredes quase rectilíneas e lábio plano que lembram vasos cilindroides identificados nos habitats do Bronze Médio do Sudoeste do litoral de Sines (Silva & Soares, 1981); significativa ocorrência de vasos de dimensões médias/grandes, de perfil em S (Fig. 18, 17 a 21) acampanados ou esferoidais/ovóides de colo alto extrovertido (Forma 11/12), morfologia bem representada no estrato com campaniforme inciso do Monte do Tosco 1 (Valera, 2000).

De assinalar a presença de perfis carenados e de fundos planos espessos (Fig. 18, 22 a 25).

Forma	Pasta			Total	
	2	3	4	N	%
1		1		1	1,2
5a	9	11	2	22	26,2
5b	15	8		23	27,4
5c	1			1	1,2
6a	13	6	1	20	23,8
6b		2		2	2,4
8			1	1	1,19
10	1			1	1,2
11/12	7	3	3	13	15,5
Total	46	31	7	84	100,0



Quadro 12. Medidas (em mm) dos recipientes cerâmicos da Quinta da Fidalga												
Forma	Espessura			Diâmetro			H			Ip		
	Min.	Máx.	\bar{X}	Min.	Máx.	\bar{X}	Min.	Máx.	\bar{X}	Min.	Máx.	\bar{X}
1	14	14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5a	5	10	7,3	180	260	217	65	105	85	36,1	40,3	38,2
5b	4	9	6,3	150	190	173	75	90	82	50,0	50,0	50,0
5c	7	7	7,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6a	6	12	8,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6b	7	9	8,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	6	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
10	6	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11/12	5	10	7,8	220	320	255	-	-	-	-	-	-

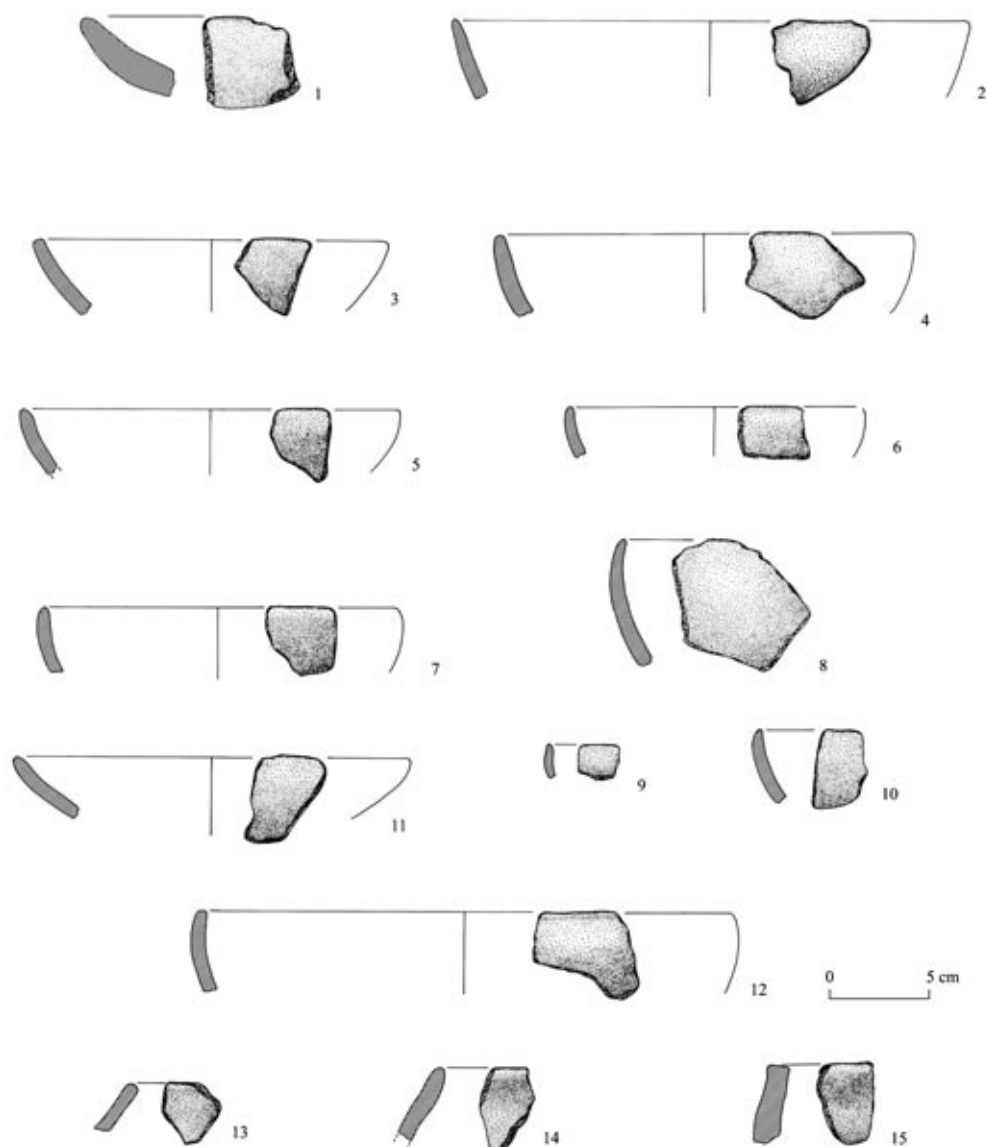


Fig. 17 Quinta da Fidalga, 1999. Cerâmica: Formas 1 (n.º 1), 5a (n.ºs 2-4), 5b (n.ºs 5-8 e 12), 5c (n.º 11) e 6a (n.ºs 13-15).
Inv.: 1 (QF.158), 2 (QF.410), 3 (QF.182), 4 (QF.145), 5 (QF.208), 6 (QF.153), 7 (QF.131), 8 (QF.146), 9 (QF.149), 10 (QF.119),
11 (QF.204), 12 (QF.407), 13 (QF.160), 14 (QF.157), 15 (QF.159).

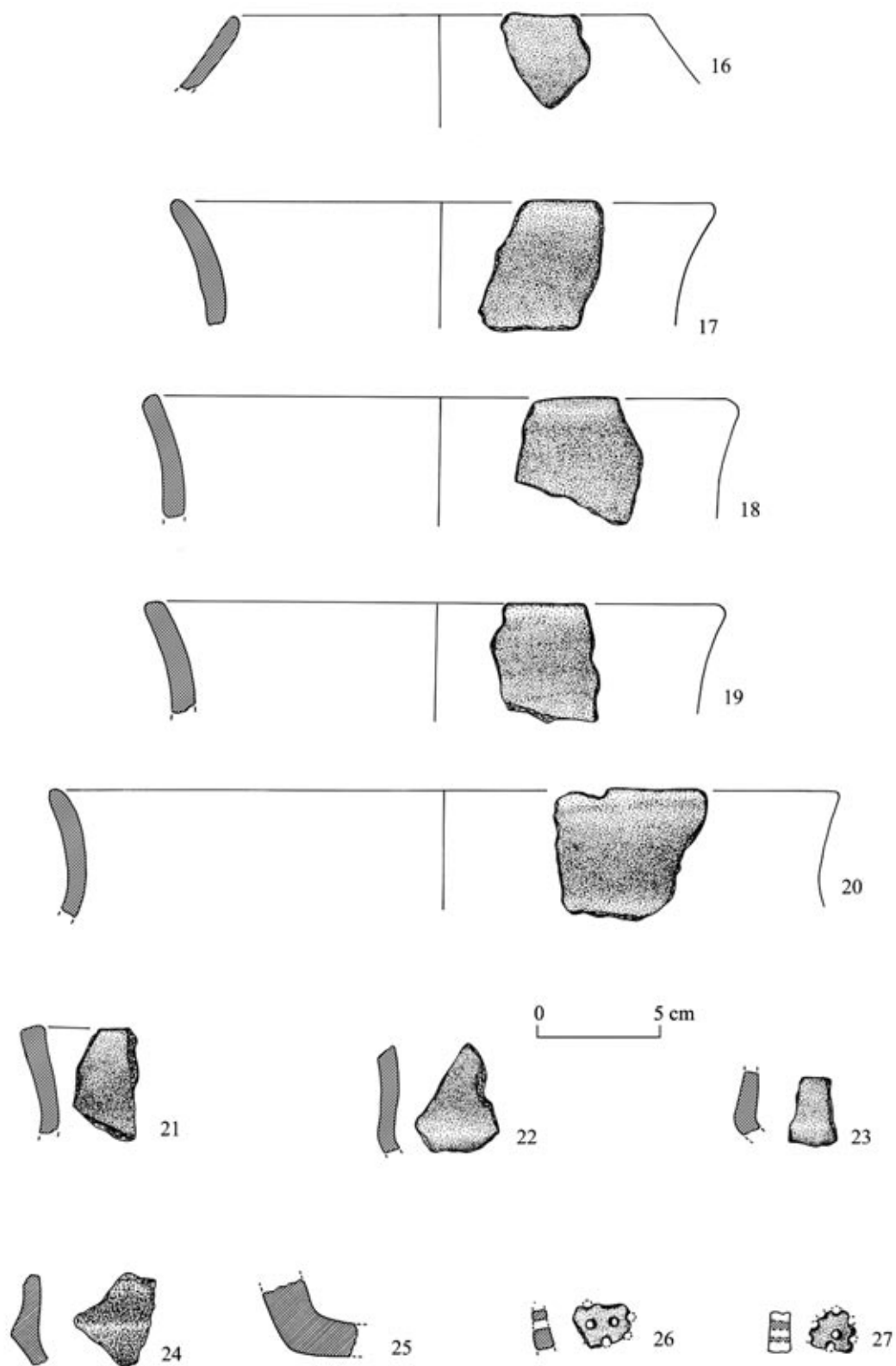
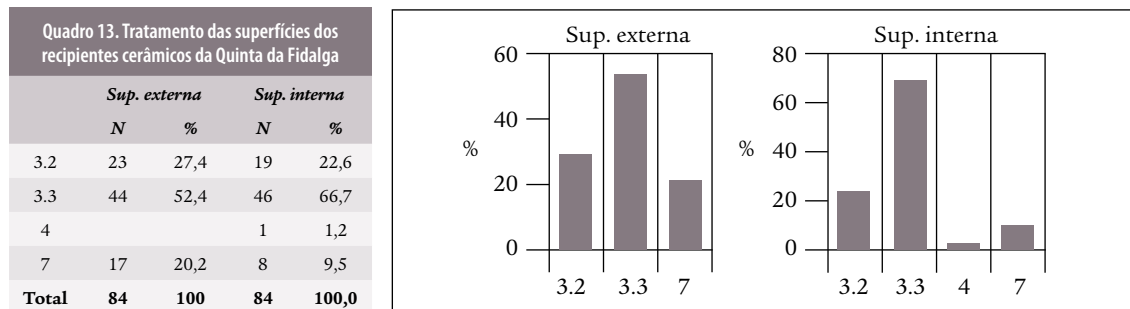


Fig. 18 Quinta da Fidalga, 1999. Cerâmica: Formas 8 (n.º 16) e 11/12 (n.ºs 17-22); taças carenadas (n.ºs 23-24), fundo plano (n.º 25) e cinchos (n.ºs 26-27). Inv.: 16 (QF.522), 17 (QF.161), 18 (QF.523), 19 (QF.423), 20 (QF.424), 21 (QF.170), 22 (QF.165), 23 (QF.205), 24 (QF.408), 25 (QF.396), 26 (QF.409), 27 (QF.155).

No que concerne ao tratamento das superfícies (Quadro 13), não obstante predominarem as simplesmente alisadas, é de salientar a elevada percentagem das superfícies alisadas finas (ver Anexo).



Uma ocupação da Idade do Bronze

Os materiais cerâmicos provenientes da realização, em 1999, de sondagens na Quinta da Fidalga parecem indicar uma ocupação da Idade do Bronze, mais precisamente de um período médio integrável no chamado “Bronze do Sudoeste” e de um fácies regional que tem vindo a ser estudado na área de Badajoz, particularmente no Castillo de Alange (Pavón Soldevila, 1998b).

Parece-nos interessante comparar o conjunto cerâmico da Quinta da Fidalga com o da Fase II do vizinho povoado do Porto das Carretas, do final do Calcolítico, ou mesmo da transição para a Idade do Bronze (Horizonte Campaniforme, Grupo Internacional). As diferenças são consideráveis, abrangendo os domínios das pastas, cor/ambiente de cozedura, morfologia e tratamento das superfícies.

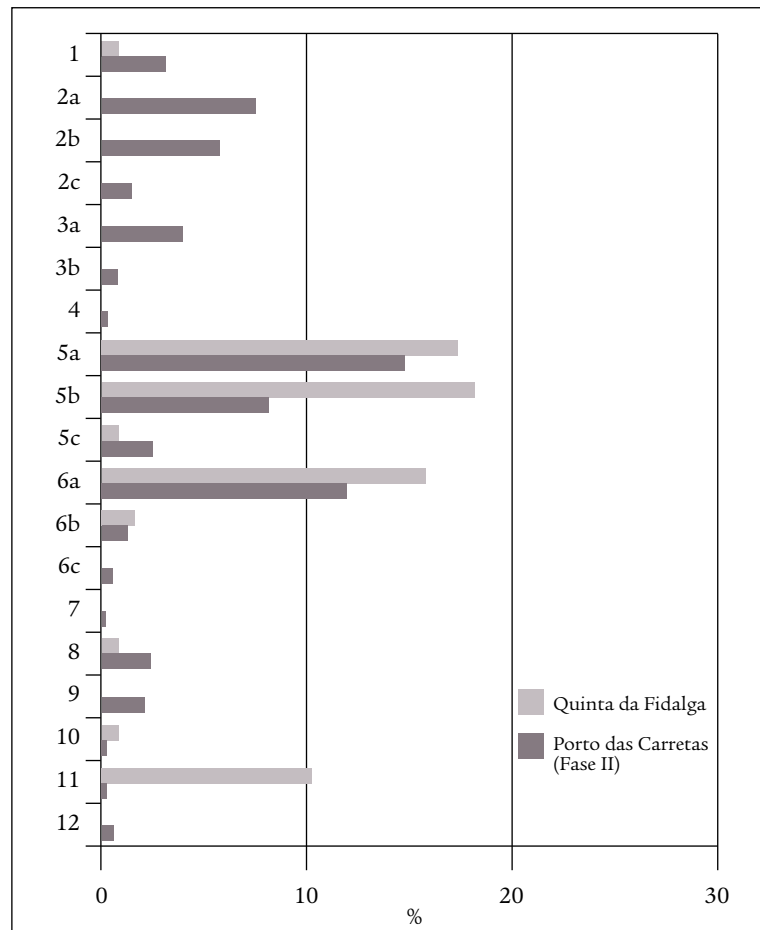
No que se refere às pastas, verifica-se, por análise macroscópica, que, enquanto as da Fase II do Porto das Carretas são predominantemente muito grosseiras, rareando as finas, na Quinta da Fidalga sucede o contrário.

No Porto das Carretas, nota-se, da Fase I para a Fase II, um significativo aumento dos exemplares de núcleo e superfícies totalmente acinzentados/negros. Com a Quinta da Fidalga esse aspecto acentua-se consideravelmente (aumento da frequência relativa da incidência da cor do Grupo 2 de 32% para 47%).

No Porto das Carretas, o grupo dos pratos é dos mais frequentes (23% na Fase II), sendo dominado pelos pratos de bordo espessado; na Quinta da Fidalga, não só estão ausentes os últimos, como todo o grupo possui uma representação baixíssima (1%). Por outro lado, o vaso de dimensões médias/grandes da Forma 11/12, que é relativamente abundante na Quinta da Fidalga, no Porto das Carretas é meramente vestigial. Aqui, foram as formas 6, 8 e 9 que desempenharam as funções de recipientes de armazenamento. Na região, o nível do Bronze Antigo, com campaniforme inciso, do Monte do Tosco 1 (Valera, 2000) parece representar o contexto mais antigo a partir do qual se desenvolve aquela forma.

Quadro 14. Comparação entre a cerâmica da Fase II (Horizonte Campaniforme, Grupo Internacional) do Porto das Carretas e a do núcleo da Idade do Bronze da Quinta da Fidalga

Forma	Porto das Carretas (Fase II)		Quinta da Fidalga	
	N	%	N	%
1	73	4,6	1	1,2
2a	178	11,1		
2b	136	8,5		
2c	32	2,0		
3a	94	5,9		
3b	16	1,0		
4	6	0,4		
5a	357	22,3	22	26,2
5b	196	12,2	23	27,4
5c	58	3,6	1	1,2
6a	288	18,0	20	23,8
6b	29	1,8	2	2,4
6c	12	0,7		
7	5	0,3		
8	55	3,4	1	1,2
9	49	3,1		
10	3	0,2	1	1,2
11	1	0,1	13	15,5
12	14	0,9		
Total	1602	100,0	84	100,0



Outros traços marcantes da cerâmica da Quinta da Fidalga são: a elevada percentagem da taça em calote alta (Forma 5b) de bordo ligeiramente introvertido; a ocorrência da taça carenada de pequeno diâmetro, elemento novo relativamente ao Porto das Carretas; e a ausência da cerâmica campaniforme, seja do Grupo Internacional, seja do Grupo Inciso. De notar ainda a completa ausência de elementos de tear em cerâmica, placas ou crescentes, estes últimos quase exclusivos do Calcolítico do Sudoeste.

Se acrescentarmos a esta associação de tipos cerâmicos a presença, na Quinta da Fidalga, do cincho e de elementos de foíce denticulados de sílex, ficamos perante um contexto atribuível, sem grandes reservas, ao Bronze Médio do Sudoeste.

Esta ocupação humana da Quinta da Fidalga corresponderia, muito provavelmente, a um pequeno estabelecimento de curta duração, de apoio à agricultura, integrando, por certo, sistema de povoamento fortemente hierarquizado que possuiria como centro dominante um povoado do tipo do que na mesma região do médio Guadiana foi escavado no Castillo de Alange, nos arredores de Badajoz (Pavón, 1998b).

ANEXO

Lista tipológica dos atributos tecnológicos e morfológicos dos recipientes cerâmicos de povoados do Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze da área do regolfo da barragem de Alqueva

Pasta (exame macroscópico)

1. Muito fina. Com raros elementos não plásticos (e.n.p.) observáveis à vista desarmada.
2. Fina. Abundantes e.n.p. inferiores a 0,5 mm; raros superiores a 0,5 mm.
3. Grosseira. Abundantes e.n.p. entre 0,5 mm e 1 mm; raros superiores a 1 mm.
4. Muito grosseira. Abundantes e.n.p. superiores a 1 mm.

Cor/ambiente de cozedura

1. Superfícies e núcleo avermelhados/acastanhados, com manchas acinzentadas: cozedura irregular em ambiente predominantemente oxidante.
2. Superfícies e núcleo acinzentados ou negros, por vezes com manchas acastanhadas: cozedura irregular em ambiente predominantemente redutor.
- 3.1. Superfície externa e zona exterior do núcleo avermelhada/acastanhada; superfície interna e zona superficial interna do núcleo acinzentada/negra: cozedura redutora-oxidante.
- 3.2. Superfície externa e zona superficial externa da fractura acinzentada/negra; superfície interna e zona superficial interna da fractura avermelhada/acastanhada: cozedura redutora-oxidante.
- 3.3. Superfícies e zonas superficiais da fractura avermelhadas/acastanhadas; fractura com zona nuclear acinzentada/negra: cozedura redutora com fase final, ou de arrefecimento, oxidante.
- 3.4. Superfícies e zonas superficiais da fractura acinzentadas/negras e zona nuclear da fractura avermelhada/acastanhada: cozedura oxidante com fase final, ou de arrefecimento, redutora.

Forma¹

1. *Prato de bordo simples*. Ip (índice de profundidade relativamente ao diâmetro externo da boca) ≤ 20 ; base aplanada.
2. *Prato de bordo espessado*. Ip ≤ 20 , base aplanada:
 - 2a. Lábio plano ou convexo-aplanado. Perfil subtriangular;
 - 2b. Perfil do bordo almendrado;
 - 2c. Perfil do espessamento do bordo de tendência semicircular.
3. *Taça larga de bordo espessado internamente*. Ip entre 21 e 41; base convexa; bordo subvertical e espessado internamente (por vezes também com espessamento externo):
 - 3a. Lábio aplanado ou convexo-aplanado;
 - 3b. Perfil do espessamento do bordo de tendência semicircular.

4. *Taça carenada*. Ip entre 10 e 40; fundo quer em calote, quer aplanado; corpo subcilíndrico ou troncocónico separado do fundo por carena.
5. *Taça em calote*. Fundo convexo. Ip entre 20 e 60:
- 5a. Ip entre 36 e 45; bordo subvertical;
- 5b. Ip entre 46 e 60; bordo subvertical, por vezes ligeiramente introvertido. Tendência geral hemisférica;
- 5c. Ip entre 20 e 35. Parede muito inclinada para o exterior.
6. *Esférico/ovóide*. Fundo convexo. Ip ou Ip' > 60; Dbe igual ou pouco inferior ao Dp: forma pouco fechada (Iab > 70); Dbe > 100 mm:
- 6a. Bordo simples;
- 6b. Bordo espessado;
- 6c. Bordo extrovertido.
7. *Pequeno esférico/ovóide*. Fundo convexo. Ip ou Ip' > 60; Dbe igual ou pouco inferior ao Dp; Dbe ≤ 100mm.
8. *Globular*. Esférico/ovóide de boca fechada; bordo simples, muito inclinado para o interior (Iab ≤ 70).
9. *Globular de bordo espessado* (“*pote*”). Recipiente de grandes dimensões cujas características morfológicas gerais são as do globular, mas de bordo espessado externa e/ou internamente.
10. *Subcilíndrico de fundo plano*.
11. *Esférico/ovóide de colo alto*.
12. *Acampanado*.

Tratamento das superfícies

A classificação utilizada na análise do tratamento das superfícies corresponde à apresentada por Asquerino Fernández (1978), tendo sido identificados, para a cerâmica dos arqueossítios da área em apreço, os seguintes grupos daquela classificação:

- 3.1. Superfície polida;
- 3.2. Superfície alisada fina;
- 3.3. Alisada;
4. Alisada tosca;
5. Não alisada;
7. Erodida.

NOTAS

- * Centro de Estudos Arqueológicos, MAEDS
Av. Luísa Todi, 162 – 2900-451 Setúbal
cea.maeds@mail.telepac.pt
- ** Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Av. Luísa Todi, 162 – 2900-451 Setúbal
maeds@mail.telepac.pt
- ¹ Seguimos de perto a tipologia por nós estabelecida para povoados do Neolítico Final e Calcolítico do Baixo Alentejo e Algarve (Silva & Soares, 1976-1977).
- $I_p = Hx100/Dbe$, sendo H a altura total e Dbe o diâmetro externo da boca.
 I_p' (índice de profundidade relativamente ao diâmetro máximo) – $H x 100/Dmx$, sendo H a altura total e Dmx o diâmetro máximo.
 Dp – diâmetro do bojo.
 Iab (índice de abertura da boca) – $Dbe x 100/Dmx$, sendo Dbe o diâmetro externo da boca e Dp o diâmetro externo do bojo.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Francisco; MAURÍCIO, João; SOUTO, Pedro; VALENTE, Maria João (1999) - Novas perspectivas para o estudo do Epipaleolítico do interior alentejano: notícia preliminar sobre a descoberta do sítio arqueológico da Barca do Xerez de Baixo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 25-38.
- ASQUERINO FERNÁNDEZ-RIDRUEJO, María Dolores (1978) - Cova de la Sarsa (Bocairente, Valencia): análisis estadístico y tipológico de materiales sin estratigrafía (1971-1974). *Saguntum*. Valencia. 13, pp. 99-225.
- GARCÍA SANJUÁN, Leonardo; HURTADO PÉREZ, Víctor (1998) - La dinámica de poblamiento en la estribación occidental de Sierra Morena durante la Edad del Bronce (c. 1700-1100 a.n.e.). In GARCÍA SANJUÁN, Leonardo, ed. - *La Travesía: ritual funerario y jerarquización social en una comunidad de la Edad del Bronce de Sierra Morena Occidental*. Sevilla: Universidad, pp. 34-100.
- PAVÓN SOLDEVILA, Ignacio (1998a) - *El tránsito del II milenio al I milenio a.C. en las cuencas medias de los ríos Tajo y Guadiana: la Edad del Bronce*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- PAVÓN SOLDEVILA, Ignacio (1998b) - *El cerro del Castillo de Alange (Badajoz)*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- SCHUBART, Hermanfrid (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1976-1977) - Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, pp. 179-272.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1981) - *Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (1992) - Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, pp. 37-88.
- VALERA, António Carlos (2000) - O Monte do Tosco: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana. *Era Arqueologia*. Lisboa. 2, pp. 33-51.